

Apresentação

O título do dossiê – *Sociologia clínica* – deste número especial da revista Cronos comporta uma nota de esclarecimento, antes mesmo da apresentação do conteúdo deste dossiê. Devido à exigência de tratar aqui o enfoque sócio-clínico, de maneira bastante sucinta, convidamos a todos os interessados pelo conhecimento melhor circunstanciado de suas diversas práticas a obras que reúnem textos de autores que, a nosso ver, esclarecem as tendências atuais da sociologia clínica: *Sociologies cliniques*, organizado por V. de Gaulejac e S. Roy (Paris, Desclée de Brouwer, 1993); *Cenários sociais e abordagem clínica*, organizado por J. N. G. de Araújo e T. C. Carreiro (São Paulo, Escuta, 2001); *Revista internacional sociology* que consagrou à Sociologia Clínica um número especial (v. 12, n. 2, jun. 1997). Para além dessas indicações, outras obras constam nas próprias referências bibliográficas dos artigos que compõem este dossiê.

No essencial, ressaltaremos:

A sociologia clínica não é uma descoberta recente desses últimos anos, ela foi se constituindo lentamente, enfrentando sérias dificuldades em ser reconhecida. Eugène Enriquez no texto *L'approche clinique: gènes e desenvolvimento em França e em Europa de l'Ouest* (In *Sociologies cliniques*, 1993) retrata a sua história, remontando aos clássicos da Sociologia para resgatar as orientações teóricas diversas na genealogia desta abordagem, deixando claro que não se trata de mais uma corrente sociológica, mas bem de uma “maneira de abordar” os problemas sociais, a qual pode-se definir como uma “arte de pesquisa e de encaminhamento progressivo do sentido”. A sua própria genealogia inscreve-na numa pesquisa interdisciplinar, o que faz com o que os pesquisadores que se agrupam em torno dos comitês de pesquisa da sociologia clínica venham de pertencimentos disciplinares diversos (Sociologia, Ciência Política, Psicanálise, Psicossociologia, Comunicação, Ciências da Saúde, Educação). Pesquisadores, portanto, de diferentes filiações institucionais e disciplina-

res que, menos preocupados com uma “identidade disciplinar”, se reconhecem nas suas diferenças e se identificam com uma “ética de pesquisa” e um *modus operandi* na Sociologia que se orienta para uma “prática complexa” nas encruzilhadas dos campos disciplinares das ciências do homem; procuram sair de certos impasses e clivagens, colocados desde o nascimento da Sociologia e que se desdobraram em certos enclausuramentos disciplinares ou teóricos que, por fim, conduziram a determinadas oposições simplistas entre psiquismo e social, entre ação e estrutura, entre determinismo e autonomia. Suas práticas não se esgotam num único modo de fazer a sociologia clínica, cada uma delas possui uma contextualização sócio-cultural e histórica. Isso significa que não há uma fórmula única de se intervir num dado campo social, institucional, organizacional ou grupal; o próprio campo e o seu jogo de forças flexionam a maneira de conceber uma metodologia associada a uma base teórica consistente de modo a colocar-se uma inventividade em ato, sempre fruto de um coletivo.

A sociologia clínica se caracteriza melhor como um “movimento científico” inscrito no núcleo do debate contemporâneo sobre as transformações sociais e seus engendramentos no processo de subjetivação e na questão do sujeito, este visto como inscrito no “registro multiforme da heteronomia” sem, contudo, estar preso na lógica da “determinidade” (Cornelius Castoriadis, *Instituição imaginária da sociedade*, 1975). “Sujeito em processo”, aberto para ser um “projeto” (de autonomia), que procura se ressignificar num campo social instituído, em grande parte, na *heteronomia* e que tenta produzir uma outra realidade pessoal e uma outra relação na sociedade. Ela procura a sua consistência em torno das concepções do “pluralismo” e da “alteridade” nas quais as categorias de “historicidade, experiência do sujeito” e “vivido” tornam-se o seu “arsenal” privilegiado de reflexão e “produção de sentido”. Encontra-se

inscrita, portanto, no bojo das transformações que ocorrem no campo social nesta contemporaneidade. Tenta responder ao desafio de apreender o campo dos processos individuais e o campo dos processos sociais, constituídos tanto pela lógica da “reprodução”, quanto da “mudança”, bem como ao desafio de estabelecer um “programa comum” (coletivo), definido a partir de várias visões disciplinares visando enfocar o objeto nos seus múltiplos níveis de realidade, “do individual ao societal”.

As “escolhas teóricas” da Sociologia Clínica recaem sobre campos científicos e filosóficos aparentemente distanciados, tais como a Psicanálise, a Fenomenologia e o Marxismo, se citarmos apenas as suas grandes inspirações teóricas e práticas. Compreender as relações de classe, dominação e poder – o “irredutível social” (V. de Gaulejac, *A gênese social dos conflitos psíquicos*, Revista Cronos, v. 2, n. 1, jan./jul. 2001) – que atravessam os destinos individuais, bem como compreender as condutas dos indivíduos, na sua singularidade, para além das regularidades objetivas que as determinam – o “irredutível psíquico” (*idem*) – é aceitar a inseparabilidade e a irredutibilidade entre a sociedade e a psique (C. Castoriadis). Isso quer dizer que se cada uma dessas dimensões tem um modo de ser radicalmente diferente, a exclusividade entre elas não deve conduzir à exclusão ou à indiferença, pois a interação entre o social e o psíquico se dá como um fato incontornável.

Resumidamente, as linhas gerais da Sociologia Clínica podem ser entendidas a partir de um curto texto de apresentação do atual Presidente do Comitê de Pesquisa RC46 – Vincent de Gaulejac, na ocasião do lançamento da *Coleção sociologie clinique* na editora Desclée de Brouwer (França):

A sociologia clínica se inscreve numa corrente que sempre existiu, a saber, aquela segundo a qual os fenômenos sociais só podem ser ‘totalmente’ apreendidos quando se integra a maneira com que os indivíduos os vivenciam, representam, assimilam e contribuem para produzi-los. Ela se inscreve no núcleo das contradições entre objetividade e subjetividade, entre racionalidade e irracionalidade, entre estrutura e ação, entre o peso dos determinismos

sócio-históricos e a capacidade dos indivíduos em ser criadores da história. Ela se propõe à escuta do sujeito, próximo do real nas suas dimensões afetiva e existencial, atenta àquilo que está em jogo inconscientemente, aos níveis individual e coletivo. Ela orienta o seu interesse para os fenômenos sociais e institucionais na sua dimensão racional, tanto quanto nas suas dimensões imaginária, pulsional e simbólica. Ela procura desenredar as complexas relações entre os determinismos sociais e os determinismos psíquicos presentes nas condutas dos indivíduos e/ou dos grupos. Pluridisciplinar e aberta às diferentes sensibilidades, o coletivo da Sociologia Clínica acolhe trabalhos de pesquisadores de diversos horizontes que buscam combinar rigor e criatividade, complexidade e clareza.

O texto acima remete para uma outra grande característica da sociologia clínica: o conhecimento de um objeto pressupõe a “intervenção” sobre esse objeto, bem como a colaboração ativa do mesmo no processo de construção do objeto de pesquisa e de intervenção, significando que todo indivíduo, grupo, organização e instituição em questão tenham que necessariamente ter o status de sujeito da pesquisa. O pesquisador-interveniente sendo uma espécie de facilitador de “abertura do campo dos possíveis” a fim de que os participantes de uma pesquisa possam, o melhor possível, mobilizar suas capacidades de “imaginação, mentalização e simbolização” (E. Enriquez). Há, porém, situações sociais em que o pesquisador não pode diretamente intervir, por se tratar de processos sociais, culturais ou políticos amplos ou globais (a exemplo de “integrismos religiosos ou nacionalismos exacerbados”, “reatualização de racismos”, “emergência de terrorismos”), podendo, entretanto, se engajar no sentido de uma análise crítica e clínica de tais processos que colocam em risco o vínculo social.

Por fim, resta lembrar que o grupo de Sociologia Clínica é reconhecido, desde 1994, como RC46 – Comitê de Pesquisa Sociologia Clínica na Associação Internacional de Sociologia (ISA). Igualmente, datando do mesmo período, como RC19 – Comitê de Pesquisa Sociologia Clínica na – Associação Internacional de Sociólogos de Língua Francesa (AISLF).

Anteriormente a essas datas, são vários os encaminhamentos (Colóquios, publicações, intercâmbios entre os correspondentes de países diferentes) no sentido de divulgação e reconhecimento através da inserção de pesquisadores em fóruns locais e internacionais: Robert Sévigny, Jacques Rhéaume e Gilles Houille (Montréal), Jane Fritz (USA), Marcel Le Bal (Bélgica), Eugène Enriquez e Vincent de Gaulejac em torno do Laboratoire de Changement Social (Université Paris 7, França), isso só para citar alguns nomes que se destacam, enquanto membros fundadores, dentre os diversos correspondentes de diferentes países (Bélgica, Brasil, Chile, Grécia, Itália, México, Rússia, Uruguai e, mais recentemente, Austrália e Malásia). O pólo brasileiro tem tido presença nos Comitês de Pesquisa e organização de colóquios internacionais, através de alguns pesquisadores: Teresa Carreiro (UFF), Norma Takeuti (UFRN), Aécio de Gomes Matos (UFPE), José Newton Araújo Garcia (PUC-Minas), Michel Le Vem (UFMG), Vanessa Barros (UFMG).

O dossiê deste número da Revista *Cronos* pôde reunir somente alguns desses pesquisadores nacionais e estrangeiros. São oito artigos que trazem diferentes objetos de reflexão e “maneiras de abordar” os fenômenos sociais. Alguns textos orientam-se para uma análise clínica da sociedade atual – nos seus aspectos globais ou nacionais –, outros se centram na análise dos desafios que se colocam no campo produção do conhecimento sociológico e de uma prática interdisciplinar e ainda, aqueles que visam problematizar o campo de intervenção sócio-clínico a partir de casos concretos.

– O artigo de **Eugène Enriquez** tem como pauta a “solidão imposta” aos homens contemporâneos. Um tema caro ao autor – a “perversão social” (Revista *Cronos*, v. 2, n.1, jan./jun. 2001) –, esta relacionada à extremada racionalidade instrumental presente nas sociedades contemporâneas, bem como, a ela relacionada, a “psicologização dos problemas”, estão presentes na sua análise enquanto fatores essenciais dessa solidão que, ao final de contas, talvez tenha uma faceta menos sombria e se apre-

sente, também, como uma outra figura, para o homem só: a de abrir novas possibilidades de relações entre os homens. Assim como Rilke em *Cartas ao jovem poeta*, Enriquez nos faz pensar na solidão como um “fermento do pensamento” que pode vir a aguçar a nossa singularidade para, quiçá, termos abertura para imaginarmos ações coletivas.

– Num mesmo plano de reflexão de processos sociais globais, presentes na atualidade, subsegue o artigo de **Norma Takeuti** que discute as dificuldades que se interpõem no exercício da relação de alteridade. Baseando-se em suas pesquisas anteriores e focando acontecimentos sociais de atualidade, as reflexões norteiam-se em torno da questão sobre os processos psíquicos que se articulam ao processo social (“exclusão da alteridade externa”) que tem engendrado relações onde determinados sujeitos e grupos (os outros) são tomados como objetos de discriminação, de desprezo ou de ódio, e em certos casos, também como objetos de aniquilamento físico, acentuando a fratura social.

– Ainda, no eixo de discussão sobre processos mais amplos da sociedade, o artigo de **Aécio Gomes de Matos** volta-se para discutir as significações sociais da democracia no Brasil e conseqüentes condutas sociais, particularmente dos grupos hegemônicos no poder. A análise elege como lócus de interesse de mudança social a “organização de massa” onde se inscrevem movimentos sociais de participação popular. O “interesse clínico” nos processos de constituição de organizações de base deriva-se do fato de estas serem um espaço privilegiado de construção de uma *práxis*, pela reflexão crítica das experiências individuais e coletivas, visando a constituição de sujeitos sociais autônomos.

– Introduzindo preocupações relativas ao campo de produção do conhecimento sociológico, o artigo de **Vincent de Gaulejac** questiona as fronteiras disciplinares habituais e volta-se para pensar as condições para a construção de uma Sociologia do Sujeito. A proposta de uma sociologia clínica na articulação entre diferentes concepções do sujeito vai se elaborando na medida em que cresce, no texto, o deba-

te com alguns autores contemporâneos (C. Dubar, J. C. Kaufmann) os quais buscariam “contornar” a incontornável questão da subjetividade (inclusive, a dimensão psíquica) e não logrando o propósito de apreender a recursividade das relações indivíduo e sociedade, muito embora haja, neles, “a boa vontade de abrir a sociologia...”.

– Na seqüência, o artigo de **Christophe Niewiadomski** aborda os mesmos desafios, o da produção de saberes e da pesquisa de soluções educativas, particularmente, de práticas interdisciplinares. Apresenta-os a partir de uma reflexão sobre o sofrimento psíquico e social de uma população em situação de grande precariedade social. Um novo tipo de sofrimento, em grande escala, que emerge no contexto das profundas modificações na estrutura dos vínculos entre a sociedade e o indivíduo e a relação deste com a sua própria existência. A sua aposta é de que só uma “postura clínica psicossocial” – diferenciada da mera aplicação de um conjunto de técnicas – pode vir a fazer face aos perigos das práticas educativas, ainda hoje, reinantes sob o tripé da ilusão da “negação e da reparação”, da “tecnização normalizante” e da “psicologização” dos problemas sociais encontrados.

– Situa-se, a nosso ver, nessa aposta acima, o trabalho de intervenção psicossocial junto a uma categoria populacional nas cidades – os chamados “loucos da rua” – realizado por **José Newton G. de Araújo e Maria Mercedes M. Brito**, os quais nos apresentam em seu artigo pormenores da intervenção que inclui estratégias especiais de abordagem, acolhimento e acompanhamento dos “loucos”, incluindo tratamento psiquiátrico, encaminhamento profissional, alternativas de moradia etc. Pela pesquisa, analisaram os determinantes sociais e psíquicos que levam tais sujeitos a morar na rua, sempre com o intuito de buscar resposta a uma instigante questão: haveria a possibilidade de construção de um novo lugar social para a “loucura”?

– Com o mesmo tipo de preocupação sobre um dispositivo de pesquisa-intervenção em que o sujeito-participante logre superação do conflito em

questão, **Teresa Carreteiro e Cristine M. Mattar** trazem a experiência de um trabalho centrado na temática da violência e conjugalidade. Através de uma história de vida, ilustram o fenômeno do poder atravessando as relações de casal, remetendo-nos a uma análise onde os vínculos da história permitem-nos compreender o trabalho de incorporação da herança vinculada às origens sociais e familiares, fazendo-nos ver o quanto a história coletiva condiciona os destinos individuais. A pesquisa insiste na busca de “episódios”, na história de vida, com valor de “acontecimento” que produzam rupturas no desencadeamento das violências.

– Encerramos o dossiê com o artigo de **Jean-Gabriel Offroy** que tem a especificidade de apresentar-nos, através do estudo da influência do prenome de um indivíduo sobre seus mecanismos de identificação (suas escolhas sociais, profissionais e ideológicas), importantes processos de reprodução social, ao mesmo tempo em que indica processos de historicidade. A sua análise se inscreve no interior do debate sobre as noções de identidade, de indivíduo e de sujeito que se dão no campo da Sociologia, conforme discussão que se desenrola no texto de Vincent de Gaulejac neste dossiê.

Ao final desta apresentação, cumpre-nos assinalar que estes artigos dão apenas uma pequena mostra de uma enorme diversidade de trabalhos e reflexões que continuam brotando em torno da Sociologia Clínica. Basta ver os temas das sessões que acolhem comunicações de pesquisadores de diferentes países no RC46 Sociologia Clínica no XVI Congresso Internacional de Sociologia (ISA, África do Sul, 2006): *Sociologia e práticas clínicas; A história e o estado atual da sociologia clínica nos diferentes países; Corpo, saúde e o ‘bem-estar’: implicações sociais e abordagem clínica; As identidades hipermodernas; Clínica da exclusão e desenvolvimento social; Existir na empresa.*

Norma Missae Takeuti